
NOTAS E OBSERVAÇÕES

UM PRETENSO PLAGIO

A proposito do interessantissimo artigo do Visconde de Taunay publicado na «Revista» de 15 de dezembro corrente sobre o celebre soneto de Felix Arvers, cuja autoria foi attribuida em 1854 a Musset e a Victor Hugo, como hoje se attribue o soneto-resposta á esposa de Charles Nodier e ao Sr. Louis Aigoïn que foi quem o communicou ao publico, occorreme um caso tambem interessante, passado ha quinze annos no Rio de Janeiro com um soneto de Luiz Guimarães Junior — o segundo dos que vem publicados nos *Sonetos e Rimas*.

Como é sabido por todos os que se dedicam um pouco á labuta das letras, a primeira edição dos *Sonetos e Rimas* foi feita em Roma em 1880 e só appareceu exposta á venda no Rio de Janeiro quasi ao findar o anno de 1881.

A impressão que esse livro produziu no microcosmo literario de então foi intensa e agradabilissima e ainda mais augmentou com o juizo em extremo lisongeiro sobre elle externado pelo Sr. Ramalho Ortigão numa das suas magnificas *Cartas Portuguezas* que se publicavam na «Gazeta de Noticias».

Luiz Guimarães Junior tornou-se rapidamente o poeta da moda; os seus versos eram citados e recitados nas rodas literarias e como succedera com a *Morte de D. João* de Guerra Junqueiro e com as *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, houve memoria que enthezourou por inteiro o aprimorado livro.

Talvez pela excessiva paixão que reçuma do segundo soneto desse livro, talvez pelo facto de ser um dos primeiros lidos, o facto é que foi essa uma das producções poeticas de Luiz Guimarães Junior que mais duradouro enthusiasmo despertou entre os seus admiradores.

Por toda a parte, nos cafés, nas sociedades literarias do tempo, nas Academias e nas salas, se ouvia a voz de um lyrico, voz doce, os olhos em alvo e mão espalmada na caixa thoraxica — a recitar :

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outr' ora independente
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

Quando eu cair, emfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubrementemente
Do repouso final, — tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fôres commovida,
 Como visão que entre os sepulcros erra,
 Visitar minha funebre guarida,

O coração, que todo em si te encerra,
 Sentindo-te chegar, mulher querida,
 Palpitará de amor dentro da terra.

Não houve critico do tempo que ao referir-se ao livro de Luiz Guimarães não citasse com gabos esse soneto e muito embora não seja elle o melhor dos *Sonetos e Rimas* era todavia considerado uma das mais formosas joias do escritorio do poeta.

Pois, um dia, ali por meados de 1882, eis que surge uma nova, que veio cair como um balde de agua gelada no meio do ardente entusiasmo dos admiradores do poeta : o soneto, o lindo soneto que tanta lagrima de enternecimento puzera entre os cilios das raparigas fluminenses e tanta admiração despertara aos criticos, não era original, era simplesmente traduzido do francez e o original era este :

Ce pauvre cœur qui dans mon sein palpite
 Et qui pour toi palpite uniquement,
 Ce pauvre cœur, jadis indépendant,
 Humble en ce jour, esclave ensuite,

Quand je serai tombé aneanti,
 Quand l'heure aura sonné lugubrement
 De mon repos final, — calme et croyant,
 Ira rever dans son dernier lit.

Si quelque jour tu vas tout éplorée,
 Pour visiter ma pauvre tombe, hélas !
 — Comme dans les tombeaux ombre égarée —

Ce pauvre cœur, toujours si plein de toi,
 En sentant ton approche, o bien aimée,
 Sous terre encor d'amour palpitara.

O autor deste soneto era Malusil — um bardo francez, dizia-se, inteiramente desconhecido, mas de quem Luiz Guimarães traduzira á letra os quatorze versos apaixonados. E por uns dias a gloria e a probidade literaria do poeta brasileiro entraram em declinio.

Felizmente a ballela, porque não passou disso, que algo mareara a reputação do nosso poeta durou sómente uns dois ou tres dias. Em pouco soube-se que Malusil era o pseudonymo de um dos amigos e maiores admiradores de Luiz Guimarães Junior que, por um requinte de attenção e de entusiasmo, traduzira o soneto para o francez.

E quem foi esse amigo? Poucos o sabem, porque só a poucos deu elle a traducção do soneto, elegantemente impressa em uma pequena folha de papel cartão, com as suas iniciaes no topo e com esta dedicatória — *A Luiz Guimarães Junior (Traduit)*, tendo abaixo e á direita do ultimo verso a assignatura *Malusil* e á esquerda a data — *Rio, 17 Juillet, 1882.*

Ora, Malusil era o Dr. Mariano Luiz da Silva, medico muito conhecido no Rio de Janeiro, fallecido já, amigo intimo de Ferreira de Araujo, um espirito folgazão, algo bohemio, que reunia á extrema bondade do seu coração de ouro um gosto extremado pelas letras e pelas artes, principalmente a musica. E foi devido á excessiva modestia deste amigo

entusiasta, que, durante dois ou tres dias, o laureado autor dos *Sonetos* e *Rimas* passou por ter traduzido do francez, sem o declarar, o segundo soneto da sua *Lyrica*.

O que ha de extranhar, pois, que agora se attribua a Louis Aigoïn o soneto feito em resposta ao de Arvers e tambem attribuido a Mme. Mennessier-Nodier, quando todas as probabilidades da autoria devem recair sobre Charles Nodier — o feliz esposo dessa mulher fiel e amada — o qual provavelmente, como Victor Hugo em relação a Sainte Beuve, levou a complacencia e o respeito por essa paixão platonica e desavisada do amigo pela esposa ao ponto de não só a tolerar como de mantel-a, dando-lhe a caricia de uma resposta attribuiavel á esposa onde finge uma commoção que provavelmente ella nunca sentiu ?

*Celle qui veut rester a son devoir fidèle
C'est emue en lisant vos vers tout remplis d'elle...
Elle avait bien compris, mais... ne le disait pas.*

Charles Nodier era bem mais capaz de fazer esse soneto do que o Sr. Louis Aigoïn, illustre poeta desconhecido, a quem a *Revue de la France Moderne* attribue a autoria.

S. Paulo — Dezembro — 96.

GARCIA REDONDO

NÃO CONSULTES MEDICO...

Do nosso collaborador Sr. Machado de Assis recebeu a seguinte carta o director da *Revista*:

« Sabe a que razão de urgencia devemos não ter saído appensa á minha comedia *Não consultes medico...*, publicada no ultimo numero da *Revista*, uma nota commemorativa. Vai agora o que devia ter ido então. A comedia foi representada no Cassino Fluminense, em uma das festas organizadas pela commissão do Sagrado Coração de Jesus, a que zelosamente preside a Exma. Sra. D. Maria Nabuco. Havendo eu refundido nessa occasião a primeira fórmula da peça, ainda inedita, esta resente-se da brevidade do trabalho; mas as distinctas senhoras e cavalheiros encarregados dos papeis suppriram na representação os defeitos do texto. Realmente, é difficil encontrar em pessoas de sociedade tanta habilidade e facilidade como revelaram as Exmas. senhoras D. Emilia Barros Barreto, D. Lucina de Andrade Pinto e D. Francisca de Saldanha da Gama, e os Srs. Carlos de Carvalho e José Barros Barreto. A primeira já me havia dado igual prova, ha annos, representando em um dos mais brilhantes salões daquelle tempo duas comedias minhas; não me admirou que se saísse agora tão bem. A novidade esteve nas suas duas graciosas companheiras, D. Lucina de Andrade Pinto e D. Francisca Saldanha da Gama, incumbidas dos papeis de Carlota e Adelaide, que se houveram com igual brilho, assim como os Srs. Carlos de Carvalho (Cavalcante) e Barros Barreto (Magalhães). Não faço aqui distincções; ellas se fizeram pela maior ou menor importancia dos personagens, aos quaes a graça e intelligencia daquellas senhoras e cavalheiros deram, na medida de cada um, o sabor adequado. Assim o reconheceu o numeroso e brilhante auditorio do Cassino. O que este não viu, e só pôde conhecer pelo resultado, foi a boa vontade, a dedicação e o gosto com que todos se houveram no estudo e nos ensaios, guiados nisso pela competencia do Sr. Dr. Luiz de Castro, ensaiador daquellas festas.

« 24 de dezembro, 1896. »